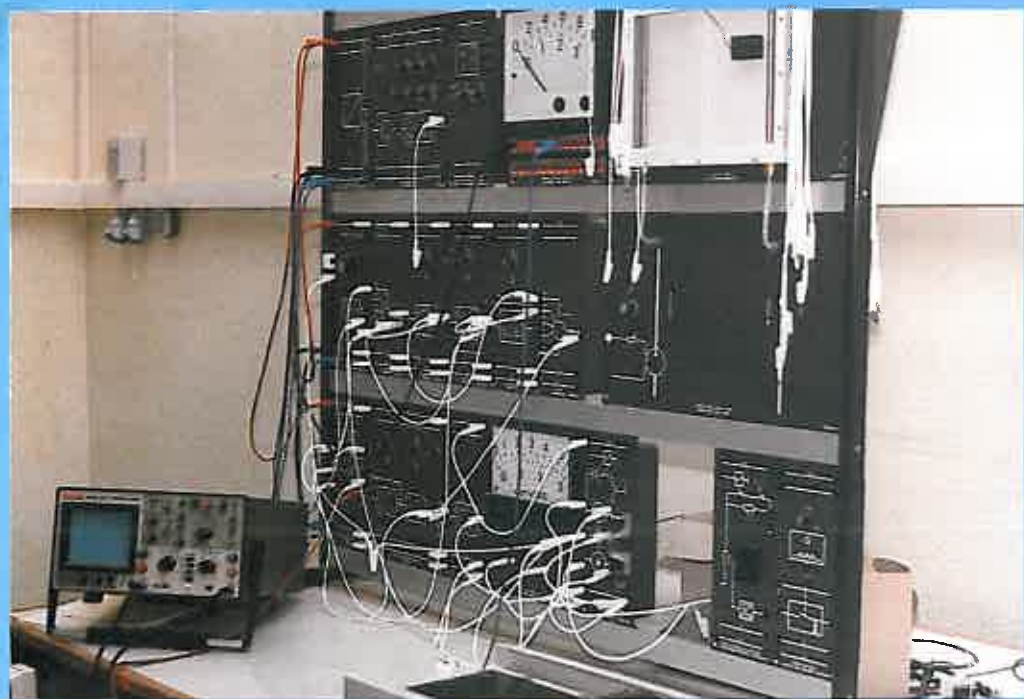


# EDUCAÇÃO e --- TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

## **EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA**

**Propriedade**  
Instituto Politécnico da Guarda

**Director**  
João Bento Raimundo

**Redacção**  
Serviços Centrais do I.P.G. - Av. Francisco Sá Carneiro nº 50  
6300 Guarda  
Telef. 222634 \* Telecópia 222690

**Composição**  
Gabinete Editorial do I.P.G.

**Execução Gráfica e Impressão**  
Secção de Reprografia do I.P.G.

**Periodicidade**  
Semestral

**Tiragem**  
1.000 ex.

**Depósito Legal**  
nº 17.981/87

nº XIV - Agosto de 1994

# Evoluir e Agir

A valorização e o enriquecimento da nossa Revista tem sido uma preocupação constante, desde a sua primeira edição. Poderemos dizer que esta publicação tem caminhado a par com a própria evolução desta instituição de ensino superior, reflectindo a sua dinâmica, traduzindo a qualidade do ensino ministrado, incentivando a investigação, a edição de trabalhos inéditos, tracejando novas perspectivas.

Para além disso, e mercê da sua regularidade, do seu conteúdo, do seu contributo científico-cultural, a Revista "Educação e Tecnologia" é já hoje um título consagrado no contexto deste género de publicações, e com uma progressiva procura por parte de docentes, investigadores, homens de cultura e instituições.

É uma realidade que nos apraz registar. Sobretudo quando se trata de uma publicação, com estas características, editada no interior do País onde gera um diálogo cultural e onde intervém de forma idónea e responsável no processo subjacente ao papel do Instituto Politécnico da Guarda; instituição que no próximo ano lectivo aumentará substancialmente o seu número de alunos, que actualmente ultrapassa os três milhares.

É um número significativo, que confere à Guarda e à região toda uma vitalidade académica e social que honra os seus pergaminhos e as suas tradições estudantis de outrora, que a projecta, cada vez mais, no espaço nacional e europeu.

A Educação e a Tecnologia surgem, pois, como o quadro global em que se desenrola a actividade deste Instituto; daí que esta publicação seja sentida como um verdadeiro pilar e testemunho da sua acção, da sua capacidade interventiva. É sempre nesse sentido que continuaremos a caminhar.

João Raimundo  
Presidente do IPG

# PASSADO, PRESENTE E FUTURO N' A ILUSTRE CASA DE RAMIRES

---

Dulce Helena Morgado Raimundo \*

---

1. "Desde as quatro horas da tarde, no calor e no silêncio do domingo de Junho, o Fidalgo da Torre, em chinelos, com uma quinzena de linho envergada sobre a camisa de chita cor de rosa, trabalhava" (ICR, p.5)<sup>0</sup> - inicia-se desta forma aquele que se institui, sem dúvida, como um dos mais versáteis romances de Eça. Que o escritor rejeitava uma concepção estática da criação artística (Reis, 1982:137), considerando a inovação como inesgotável fonte onde é imperioso ir beber, comprova-o a arquitectura do romance que uma leitura crítica não mais pode que circundar.

2. Importa considerar, à partida, que *A Ilustre Casa de Ramires* revela "...un Eça nouveau, que l'on peut, faute de mieux, appeler "écletique", et qui, en tout cas se détache du naturalisme militant" (Teyssier, 1990:82)<sup>1</sup>. Trata-se, pois, de investir em novas soluções que pactuam exactamente com a necessidade de novas propostas ideológicas mas nem por isso isentas de sedução. Se *Os Maias* se situam já num momento de crise do naturalismo (Reis, 1988:101) - recorrendo o narrador a determinados processos conotativos de expressão ideológica (Reis, 1988:152) pelos quais se constata com facilidade o

---

\* Assistente do 1º triénio sa ESTG

0 - As referências feitas reportar-se-ão a *A Ilustre Casa de Ramires*, 2ªed., Lisboa, Livros do Brasil, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura.

abandono de alguns dos princípios que norteavam tal movimento estético-literário - *A Ilustre Casa de Ramires* veicula opções que testemunham eficazmente esse afastamento da estética naturalista que *Os Malas* haviam antes anunciado<sup>1</sup>. É, pois, pertinente que a reflexão que nos propomos realizar não deixe de englobar uma amálgama de recursos técnico-formais que, habilmente conjugados, contribuem para a configuração de um universo evadido de sugestões ideológicas, como em devido tempo demonstraremos.

3. Óscar Lopes e António José Saraiva chamam a atenção para o facto de n'*A Ilustre Casa de Ramires* decorrerem, uma em face da outra, duas histórias, uma no mundo observado, outra no espaço pitoresco da evocação histórica esboçando-se um confronto entre o real contemporâneo e um seu inverso moral historicista (Lopes e Saraiva, 1987:938). Tal asserção vinca o indiscutível interesse pelo modo como se articulam no romance esse real contemporâneo e aquele que constitui "o mundo épico, belamente bárbaro, da Idade Média" (Coelho, 1984:458). Invulgar cicerone - Gonçalo Mendes Ramires - assegura que o leitor percorra, ao longo da obra, o interior desses dois mundos que vão sendo passo a passo sabiamente examinados. Assim, a personagem principal institui-se como poderoso manancial a explorar no intuito de descortinar a complicada teia de relações criada em torno da prospeção quer do seu presente (século XIX), quer dos tempos recuados da Idade Média sobre os quais a novela histórica incide.

4. É notório, ao longo d'*A Ilustre Casa de Ramires*, o relevo dado ao ponto de vista do protagonista. Tal não é obra do acaso - nem seria natural que o fosse num romance que se rege pela caprichosa "lei" da harmonia. Aliás, Paul Ricoeur, ao considerar que "Tout point de vue est l'invitation adressée à un lecteur à diriger son regard dans le même sens que l'auteur ou le personnage" (Ricoeur, 1984:188), permite-nos concluir que alguma intenção se esconde por detrás desse convite. Por outro lado, se no cenário da ficção aquele a quem cabe enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa (Reis e Lopes, 1987:249) - sem o qual, aliás, não haveria romance (Tacca, 1983:65) - concede a Gonçalo grandes responsabilidades na diegese, privilegiando a sua perspectiva (Reis, 1984:253), é natural que o Leitor se sinta tentado a seguir o seu olhar. Não admira, pois, que graças à focalização levada a cabo por Gonçalo se possam destrinçar fertilíssimos veios de exploração. O que se procurará primeiramente expor aqui (ainda que sinteticamente) será o modo como a feliz simbiose constituída quer pela perspectiva de Gonçalo, quer pelos meandros da sua vida interior, muitas vezes deixados a

---

1 - F.J.Pimentel considera, aliás, que "O narrador d'*Os Malas* é "dols". Um é o que usa a cabeça, o que ainda observa as regras do experimentalismo prevalecente (...) Outro é o que obedece ao coração e se aproxima das personagens eleitas...", cf. artigo citado p.210.

descoberto, pode ter como consequência um interessante travejamento do tempo (passado e presente da história) que acabará, em última instância, por estabelecer pontos de contacto com aquele que a narrativa histórica permite dilucidar.

De entre todos aqueles que povoam o presente da história é André Cavaleiro a personagem sobre a qual incide, de forma penetrante, o olhar do Fidalgo da Torre. Face ao infeliz romance tido com a irmã deste, André é premiado, logo de início, com as designações de "feroz bigodeira negra"<sup>2</sup>, "animal detestável" e "sobretudo cavalo" (ICR, p.13). É a evocação do passado (ICR, p.40-44) recordado "aos pedaços"<sup>3</sup> - um passado "inteiramente dependente da sua perspectiva" (Reis, 1984:262) - que se converte, numa primeira fase, em elemento de legitimação do comportamento de Gonçalo no presente da história<sup>4</sup>. A um passado ainda mais remoto vai Gonçalo colher fundamentos para o conflito - é que entre ele e o Cavaleiro "...existia um desses fundos agravos que outrora, no tempo dos Tructesindos, armavam um contra o outro, em dura arrancada de lanças, dois bandos senhoriais" (ICR, p.40)<sup>5</sup>. No entanto, num outro momento do presente da história, as aspirações a uma futura carreira política, instigam-no a perspectivar André Cavaleiro de distinta forma. Evocar o passado, recordando o prestígio do nome Ramires, torna-se eficaz meio de argumentação em favor da tentativa de reconciliação com o Cavaleiro - é o que se deduz face a um momento em que, perspectivando-se a si próprio, se manifesta preocupado em "...faltar a deveres muito santos para consigo e para com o seu nome!" e lhe vem à memória o seu "brilho histórico" (ICR, p.143). Um fragmento do passado é ainda recuperado - revigorando-se a camaradagem que entre ambos existia enquanto crianças (ICR, p.179) - legitimando a mudança já operada<sup>6</sup>. Contudo, posteriormente, André irá metamorfosear-se de novo no "macho da bigodeira" (ICR, p.253). O passado evocado, esse, apresenta-se já como via de resolução de um problema do presente da história - a tão temida aproximação Gracinha/Cavaleiro - perspectivando Gonçalo um castigo que passa pela intervenção do avô Tructesindo (ICR, p.255) - solução tanto mais precária quanto impossível de ser concretizada. Pode, pois, constatar-se, pelo breve percurso até agora trilhado - em que se destacou Gonçalo

---

2 - Noutras ocasiões a atenção de Gonçalo centra-se também na "bigodeira" de André, encarando-a em termos negativos cf.p.38, 46, 85, 143, 156.

3 - Esse passado inclui a amizade com André que, no entanto, acaba por se diluir dada a forma como é encarado.

4 - Reflexões da responsabilidade de Gonçalo legitimam também esse mesmo momento do presente da história, cf.p.84, 92, 112.

5 - Posteriormente tal luta será transposta para a novela já que se adianta "...naquela terra remida e cristã, em breve se cruzariam, umas contra outras, nobres lanças portuguesas!", cf.p.51.

6 - Mudança bem patente nas formas de tratamento que passam a vigorar entre ambos, cf.p.152, 157, 176, 177, 185, 189. Até a "bigodeira" do Cavaleiro ganha outro epíteto - "lustrosa", cf.p.173.

perspectivando André Cavaleiro e se acompanharam as mudanças operadas que emergiam dessa perspectiva - que este se revelou frutífero no que à articulação passado/presente diz respeito. O passado transforma-se, neste caso específico, num instrumento útil à personagem que o manipula ao sabor da conveniência do momento. Assim se compreende que sirva duas causas distintas: a da rejeição de Cavaleiro (traduzida na evocação dos amores de Gracinha e apoiada nas reflexões acerca dos seus antepassados) e a da sua aceitação (quando reflecte nas possibilidades de ascensão), pois funciona como argumento em prol do seu futuro como deputado. Por outro lado, o ressuscitar do passado é fonte de desordem no presente da história<sup>7</sup>, tal como Gonçalo acabará tardiamente por reconhecer (ICR, p.300) - denota, assim, ter a frouxidão como apanágio da sua conduta (Piwnik, 1990:222)<sup>8</sup>. Se bem que provisoriamente pode ainda concluir-se que se está perante uma personagem incoerente do ponto de vista ideológico devido à sua manifesta volubilidade no que respeita as opções que faz - André representa o partido histórico contra o qual sempre se manifestara desde jovem (ICR, p.12)<sup>9</sup>. Não será, pois, prematuro considerar que a configuração ideológica da personagem permite o esboçar de um certo desencanto por um período que, tomando o nome de Regeneração, se caracterizou pela alternância de partidos no poder (Marques, 1981:33). Não caberá desprezar todos estes elementos no âmbito de uma reflexão mais vasta.

5. Se desde as primeiras páginas do romance ganham relevo os feitos levados a cabo pela família Ramires e o narrador concede que se perscrutem - de forma rápida mas que se revela eficaz - os diversos momentos do passado em que tais empresas se desenrolaram (ICR, p.6-8), é em virtude da novela histórica que se fomentam laços de indiscutível interesse entre o passado e o presente da história. Não nos interessa, de momento, indagar se à inserção da novela histórica na narrativa primeira subjaz um "amor culpado pelas excursões exoticistas através do passado" (Guerra da Cal, 1981:128) ou se esta representa, na parte evocativa, um regresso ao romance histórico (Simões, 1980:655). O que nos importa destacar é a forma como essa se institui em hábil recurso a que se lança mão e de cuja opção resulta o aproveitamento das potencialidades de dois níveis diegéticos - o passado e o presente - a partir dos quais se poderão delinear importantes coordenadas ideológicas

---

7 - O jantar com André Cavaleiro prenuncia-o claramente pois Gracinha aparece como "flor regada, flor revivida", cf.p.192.

8 - Repare-se, aliás, que quando a focalização de Gonçalo incide sobre Gracinha fica patente a fragilidade desta (cf. p.41) que, face à sua ambição política, é convenientemente encarada como produto da imaginação, cf.p.144. Pela mesma razão Barrolo é designado de "marido brioso, marido rijo", cf. p.144.

9 - De facto, Gonçalo afirma-se várias vezes como ligado preferencialmente aos regeneradores, emitindo juízos negativos ou plasmados de ironia acerca do governo de S.Fulgêncio, cf.p.28, 32, 34-35, 126 e 156. Depois de eleito esquece tais juízos, cf.p.173.

representadas no texto. Antes, porém, convém ajuizar as razões que suscitam esse mergulho no passado que o protagonista leva a cabo. De facto, é José Lúcio Castanheiro o responsável primeiro por que em Gonçalo brote "um estilo terso, másculo, de boa cor arcaica" (ICR, p.11) - estilo que, embora incipiente, consegue "encher"<sup>10</sup> três páginas da Pátria (ICR, p.11). Assim se urdiu o baptismo literário de Gonçalo - sendo mesmo temperado com frango com ervilhas e regado com Colares (ICR, p.11) - atravessando, este, os umbrais do passado.

Na verdade, José Lúcio Castanheiro arvora-se, desde o seu aparecimento, em arauto do passado, persistentemente proclamando "a necessidade, caramba, de reatar a tradição" (ICR, p.9,15,19). Que a personagem se revela como "lieu privilégié de l'affleurement des ideologies" (Hamon, 1984:104) confirmam-no os traços de que Castanheiro surge investido. Caracterizado em termos disfóricos que evidenciam o seu aspecto lúgubre (ICR, p.9 e 13), do epíteto que lhe é dado - Castanheiro Patriotinho<sup>11</sup> - se retiram sentidos de extracção ideológica (culto em excesso de tudo o que à Pátria diz respeito, pernicioso zelo patriótico), alicerçados justamente por acumular a função de criador do semanário Pátria. Do discurso da personagem, inundado de ocas expressões<sup>12</sup>, sobressai a preocupação em exaltar os heróis de outrora - cabendo, ironicamente, o destaque à barriga de um Ramires que, comportando dois leitões, revela assim "uma pujança heróica que prova raça, a raça mais forte do que promete a força humana, como diz Camões" (ICR, p.15). Ao envolvimento da personagem com o passado mescla-se, pois, saborosa ironia.

Por outro lado, o contacto do Leitor com o Castanheiro não pode deixar de saldar-se pela vinda à sua memória de um conhecido texto de Eça intitulado "Brasil e Portugal" que aparece datado de 1880<sup>13</sup>. Atente-se, pois, no facto das acusações feitas a Pinheiro Chagas terem por base este fazer do patriotismo "...não só uma doutrina, mas um assunto! Assunto para drama, para ode, para folhetim, para discurso, para grito, para solução! Enfim o patriotismo era a sua magnífica carreira" (NC, p.48). O que interessa, de momento, vincar, é que o lastro ideológico deixado nesta afirmação se ajusta à configuração de que Castanheiro aparece dotado: é preciso não esquecer que este acabará por assegurar a Gonçalo que "de folhetim em

---

10 - Daniel-Henry Pageaux afixa aliás que "uma das características da escrita "ramiriana" é ser de "encher", concluindo que "tudo na vida de Gonçalo Ramires, no seu próprio ser, é oco, vazio", cf.op.cit.p.192.

11 - Recebe também a designação de Patriota, cf.p.16, 19, 119. Atribuir-lhe tal epíteto é conceder-lhe lugar na galeria de retratos que Eça construiu ao descobrir a nefasta existência de "patriotas, patriotinhos, patriotas, ou patriotarrecas", cf. *Notas Contemporâneas*, op.cit. p.52.

12 - Destacam-se "caramba" (p.9 e15), "carambíssima" (p.19), "é de rachar!" (p.15), "que chique!" (p.15). Uma missiva do Castanheiro refere ainda "o chique supremo que seria Tructesindo Mendes Ramires" (p.232).

13 - Reportamo-nos à data que consta da edição de que nos servimos.



folhetim, se chega a S.Bento!" (ICR, p.16) vislumbrando este último, com maior nitidez, "a carreira do Parlamento e da Política" (ICR, p.16). E é tendo sobretudo em vista tal motivação que "do pó das estantes" se "desenterram" obras (ICR, p.19) e a Gonçalves não assustam "as cem tiras de alçaço a atulhar de raça forte" (ICR, p.16) para "ressuscitar o velho Portugal" (ICR, p.18). Assim, da complicada teia de relações que a novela histórica proporciona não poderá estar ausente a conveniência de um passado aliado às necessidades prosaicas do presente.

6. "E tu devias acabar a novela...Até convém que, antes de entreres na Câmara, apareça um trabalho teu, um trabalho sério, de erudição forte, bem português..." (ICR, p.182) - tal é a sentença que André Cavaleiro dita a Gonçalves enquanto potencial candidato a deputado. Está-lhe implícita uma relação de dependência estreita entre o passado (novela histórica) e o presente da história (eleição pelo círculo de Vila Clara), ou seja, a novela afirma-se desenganadamente como móbil para atingir um fim. A razão abonada em favor da vinda a lume de um processo de escrita que se arrasta reflecte, já, os termos sinuosos em que se processa a relação de Gonçalves com o passado. Assim, a novela surge como aliada em favor do sucesso da eleição - proporciona influência política e prestígio social (ICR, p.233) - podendo esta última impedi-lo de "remergulhar nas eras afonsinas" com a atenção devida (ICR, p.207)<sup>14</sup>. Aliás, e apesar da novela histórica implicar necessariamente um contacto com os antepassados, Gonçalves revela-se, desde cedo, impressionado com as carantonhas dos vovós (ICR, p.49), pouco entendido em árvores de costado (ICR, p.77), desconhecendo túmulos dos seus antepassados<sup>15</sup> (ICR, p.80, 211, 220, 221) e acaba por reconhecer que o sangue que lhe corre nas veias "não difere, realmente, do sangue dos pais do Joaquim da Porta" (ICR, p.196) O momentâneo interesse que lhe suscita uma "heraldica história" deve-se, apenas, à penúria que vive em Coimbra (ICR, p.225)<sup>16</sup>. Não constitui, assim, motivo de admiração que se instituem relações "de conflito surdo entre dois níveis diegéticos (o passado e o presente) de cuja feição decorrem precisamente os mais incisivos significados histórico ideológicos da obra" (Reis, 1984:270). O facto de existirem conexões sintácticas quer de encaixe, quer de alternância, entre a história principal e a secundária (Reis, 1984:267) põe sobretudo a nu um interessante jogo de contrastes entre o

---

14 - Repare-se ainda, que antes de saber se a sua candidatura fora aceite, Gonçalves confessa-se incapaz de "labutar na novela...todo na impaciência e no esforço da sua eleição...", cf.p.154; porém, quando tudo está já acertado conclui da necessidade de terminar a novela "antes do afã da eleição", cf.p.157.

15 - Sente até medo "...all desgarrado e sem socorro entre a poeira e alma dos seus avós temerosos!", cf.p.230.

16 - O contacto com o passado aparece, aliás, estreitamente relacionado com um presente em que as dívidas pululam. Tal é confirmado diversas vezes, cf.p.13, 28, 136, 206, 225, 256, 257, 262, 263.

passado e o presente. Assim, é bem visível que a um projecto político perseguido no presente da história se opõe drasticamente a política seguida pelos antepassados de Gonçalo. Deste modo, enquanto num cenário medievo se movimenta um Tructesindo rude e leal (ICR, p.52) que pugna pelo estabelecimento da ordem, quando se opera uma mudança radical de cenário assiste-se a uma luta diversa, enredada nos meandros políticos da sociedade do século XIX. No acidentado "mar" político, o "navegante" Sanches Lucena<sup>17</sup> deixa bem clara a sua maneira de encarar a actividade a que se dedica quando confessa gostar "daquela distracção das Câmaras" (ICR, p.76)<sup>18</sup>. A instabilidade política é alicerçada pela mudança Históricos/Regeneradores<sup>19</sup>, que em comum ambicionam os "gordos lugares administrativos" (ICR, p.33) e parecem obedecer a um só lema: "A questão é entrar, é furar" (ICR, p.138. Acesa ironia é ainda atingida quando João Gouveia instiga Gonçalo a declarar ao Cavaleiro "André o que lá vai, lá vai, venham essas costelas! E como o círculo está vago, venha também esse círculo!" (ICR, p.141). Repare-se, aliás, que André surge investido de autoridade política tal que "Livrentemente, poderia eleger o servente da repartição que era gago e bêbedo" (ICR, p.153) - delinea-se, pois, um perfil de candidato que se adivinha perfeitamente plausível. Fica assim devidamente a descoberto a fragilidade das instituições partidárias, a uma abissal distância das fortes convicções arreigadas nos antepassados Ramires. Gonçalo, por seu lado, é o prolongamento dessa precaridade de valores pois, na verdade, não contrasta com o ambiente em que vive (Reis, 1984:264). O que sim constitui objecto de contraste é a "coragem bravia dos avós" e "a cobardia do neto, com os compromissos mesquinhos a que o obriga a sua eleição para deputado" (Saraiva, 1982:50). De facto, na sua maioria, as acções de Gonçalo chocam abusivamente com as dos seus avoengos. O medo do Relho (ICR, p.20-21)<sup>20</sup>, o esquecimento da palavra dada ao Casco - sintomaticamente saldada por um aperto de mão "à maneira antiga" (ICR, p.21-22) - não se coaduna com um antepassado de Tructesindo<sup>21</sup>; o desespero que o assalta perante um "latagão airoso" (ICR, p.118 e p.209-210) também não é compatível com o retomar do segundo capítulo da novela de onde transborda a

---

17 - O deputado é sempre encarado por Gonçalo de forma negativa, cf.p.31, 62, 77, 208, 229.

18 - Bento, por seu lado, para animar Gonçalo lembra-lhe, a dada altura, que "...brevemente, em Lisboa, encontraria uma linda distracção, nas Cortes", cf.p.282.

19 - É Videirinha quem sintomaticamente adianta "...em Política, hoje é branco, amanhã é negro, e depois zás, tudo é nada!", cf.p.40, afirmação que denuncia a inconsistência das convicções assumidas pelos políticos.

20 - Após o episódio do Relho a descrição que é feita de Titó, logo no início do segundo capítulo, contribuirá para acentuar ainda mais a debilidade de Gonçalo.

21 - Recorde-se que este, na novela, surge a clamar "De mal com o Reino e com o rei mas de bem com a honra e comigo!", cf.p.59. Abismo ainda mais fundo se cava entre este e Gonçalo graças à reflexão a que se entrega posteriormente, cf.p.67.

coragem de Lourenço Ramires e do Bastardo, combatentes ferozes (ICR, p.124-125). Por seu turno, a verticalidade dos seus avoengos não pode pactuar com as complicadas versões que resultam do seu encontro com o Casco (ICR, p.131-133 e p.141). Tudo se conjuga, assim, para que do confronto operado entre as acções do passado e as que constituem o presente da história ressalte uma engenhosa trama da qual não pode, de modo algum, estar ausente aquele que escreve "as páginas destramente trabalhadas da história dos Ramires" (Simões, 1980:657).

7. Se tanto a escrita da novela como a candidatura a deputado são parte integrante dos expedientes que pretendem beneficiar o protagonista da história em si mesmo (Reis, 1984:271), algo mais têm em comum ambos os processos. De facto, quer a novela, quer a sua eleição para deputado estão indubitavelmente ligados a um gigantesco esforço exigido a Gonçalo. No entanto, se neste último Eça projecta as dificuldades de escrita da narrativa (Reis e Lopes, 1987:126) e se se cala o tempo em que o Fidalgo da Torre se dedica a tal empresa (ICR, p.55, 125, 243, 262) - prefere-se apresentar, na íntegra, o resultado do penoso trabalho - merece especial atenção o tempo que medeia entre a conversa tida com o Cavaleiro e o telegrama deste, assegurando que a sua candidatura foi aceite. É notório o ênfase dado a tal momento do presente da história manifestado, ao nível do discurso, pelas profusas indicações fornecidas. As marcas temporais têm o seu início na terça-feira, às dez horas (ICR, p.154) - dia imediatamente a seguir à conversa - e logo após destaca-se que "...na quarta-feira, ao acordar, tarde, o seu pensamento saltou sôfregamente para o André Cavaleiro" (ICR, p.155), ocupando todo o dia a fumar cigarros "insaciavelmente" (ICR, p.155). O desespero em que se afunda a personagem fica bem patente quando se pormenoriza o modo como passou "a lenta quinta-feira"<sup>22</sup> (ICR, p.155) e atinge o seu ponto máximo no derradeiro dia da semana, sexta-feira, que, filtrada pelo âmago atormentado do Fidalgo aparece pintada de negras cores - primeiro "abafada e enevoadá" (ICR, p.156) e depois caracterizada por um ambiente pesado: "...as árvores adensavam a sombra do crepúsculo, carregado de fuscas nuvens" (ICR, p.156). O alardear de um tempo intensamente vivido por Gonçalo Ramires não obedece a propósitos inocentes, antes patenteia a indiscutível importância que, no universo da personagem, cabe a tal acontecimento. Anunciar este tempo de conflito com requintes de minúcia é projectar em Gonçalo um inegável arreigamento aos prosaicos interesses que caracterizavam o seu século. Se a tudo isto se acrescentar o facto de, graças a esta situação, Gonçalo retirar renovadas

---

22 - A agitação da personagem é também reforçada por expressões como "A noiteinha, intoleravelmente inquieto..." e "É toda a noite, sem sossego...", cf.p.155.

energias para se dedicar à novela, (ICR, p.157) fica esboçado o conflito que, sobretudo a partir desse momento, minará, de forma intensa, a personagem - e que, em última análise, põe em jogo duas forças protagonizadas quer pelos "cimos puros da Arte" (ICR, p.156), quer pela "ensebada cadeira em S.Bento" (ICR, p.156). Por este jogo passarão também alguns dos sentidos fundamentais da obra.

8. Que Gonçalo consagra larga parte do seu tempo a analisar-se a si próprio é garantia que é dada pela autonomia de que goza relativamente ao narrador e que "encontra a mais autêntica expressão na representação da sua vida interior" (Reis, 1984:250). De facto, é graças a uma temporalidade refractária à linearidade cronológica (Silva, 1988:747) que a personagem deixa a descoberto os seus mais profundos anseios e preocupações. Dos momentos que o Fidalgo da Torre consagra à introspecção afiguram-se bastante sugestivos aqueles que permitem observar a peculiar relação que a personagem estabelece entre o passado e o presente da história. Atente-se, pois, na estreita conexão que, a dado momento, estabelece entre si próprio e os antepassados:

"Mas sentia a grandeza e o préstimo heróico desse arrojo, que outrora impelia os seus a arrasar solares rivais, a escalar vilas mouriscas: ressuscitava pelo Saber e pela Arte, arrojava para a vida ambiente esses varões temerosos, com os seus corações, os seus trajes, as suas imensas cutiladas, as suas bravatas sublimes: dentro do espírito e das expressões do seu século era pois um bom Ramires - um Ramires de nobres energias, não façanhudas, mas intelectuais, como competia numa idade de intelectual descanso. E os jornais, que tanto motejam a decadência dos Fidalgos de Portugal, deveriam em justiça afirmar (e ele o lembraria ao Castanheiro!): "Eis aí um, e o maior, que, com as formas e os modos do seu tempo, continua e honra a sua raça!" (ICR, p.126).

A citação é longa mas por demais sugestiva. De facto, "estes pensamentos" (ICR, p.156) entretécidos na diegese revelar-se-ão de enorme interesse. É que tendo por intuito rasurar a distância entre o passado e o presente Gonçalo cava, ironicamente, notável fosso entre ambos. Assim, o arrojo que impelia os seus antepassados, é apenas parte integrante dos tempos de "outrora", já que se desenha com firmeza uma antítese que põe em confronto acções passadas e deixa a nu a inércia presente, aparecendo embora esta última camuflada pelo que Gonçalo designa de "energias intelectuais"<sup>23</sup>. Que os antepassados se distinguam por notáveis procedimentos é ele

---

23 - Aliás, o Fidalgo acaba também por sentir falta de "energia intelectual" para prosseguir a novela (cf.p.262), chegando a confessar-se "imobilizado numa inércia crescente" (cf.p.263). Barrolo e o Padre Sociro partilham igualmente de lauto descanso intelectual - um entretido com a "História da Sé de Oliveira" (cf.p.88), outro arrastando indefinidamente uma "História dos Crimes da Inquisição", cf.p.113.

quem o confessa quando recorda "as suas imensas cutiladas, as suas bravatas sublimes" - mas tal confissão é uma clara manifestação de que tudo isso faz parte de um passado que só a eles pertence (à margem, pois, dele, Fidalgo da Torre). Por outro lado, importa destacar que esta "vivência privada e íntima do tempo" favorece uma reflexão à qual não é alheia "uma determinada problemática do tempo histórico" (Silva, 1988:747-748), isto é, ao mesmo tempo que se deslindam os meandros da sua vida interior, descortinam-se importantes coordenadas que permitem que daí decorram significados histórico-ideológicos. Assim, enfronhado no "espírito" e nas "expressões do seu século", a sua vontade de "ressuscitar pelo Saber e pela Arte" aqueles "varões temerosos", permite, de facto, uma leitura de recorte ideológico, na medida em que nela se projecta um tempo marcado pelo viver de um Ultimatum que fizera ressurgir uma indignação patriótica exaltada e fremente (Peres, 1935:417) - e que conseqüentemente apelava à recuperação de heróicas proezas mergulhadas no passado. Gonçalo sente, assim, que responde exactamente às solicitações do seu tempo, comungando activamente de um ideário de que o Castanheiro o imbuira. Por outro lado, na decadência dos fidalgos de Portugal de que a imprensa surge impregnada (motivo de indignação para Gonçalo), anuncia-se o esboroar de uma estrutura da sociedade cujo descalabro foi favorecido pela Regeneração<sup>24</sup>. Que o ressuscitar dos "varões temerosos" revelou não possuir a eficácia almejada é o que se deduz de um descontentamento claramente assumido ainda antes do término da novela já que "...nem o consolava a certeza de construir obra forte..." (ICR, p.262), nem o incomoda pôr em causa a "sólida substância histórica" dos "varões afonsinos". Se na dúvida que firmemente germinara no seu espírito transparece já uma desilusão latente relativamente à empresa pela qual enveredara, tal conflito surgirá, depois, claramente desenhado na sua mente. É que ao terminar a novela, aquele que antes considerara ter envergado heróica roupagem cedida pelos nobres Ramires, despe-se de tais heroísmos: "Se ao menos o consolasse a certeza de que reconstruía, com luminosa verdade, o ser moral desses avós bravios...Mas quê! bem receava que sob desconcertadas armaduras, de pouca exactidão arqueológica, apenas se esfumassem incertas almas de nenhuma realidade histórica..Até duvidava que sanguessugas recobrissem, trepando de um charco, o corpo de um homem, e o sugassem das coxas às barbas, enquanto uma hoste mastiga a ração!..." (ICR, p.326).

---

24 - Gonçalo é o mais vivo exemplo desse descalabro já que, sendo definido como "o mais genuíno e antigo fidalgo de Portugal" (cf.p.6) está enterrado em dívidas, vendo na política um meio de subsistência. Recorde-se, além disso, o sugestivo título da obra a que se dedica Titó Vilalobos, cf.p.25.

A solidez aparente de um projecto inicialmente urdido acaba por dar lugar à criação de um espaço onde vagabundeiam "incertas almas de nenhuma realidade histórica"<sup>25</sup> - é, pois, ele próprio, quem questiona seriamente a validade desse passado que criou. Sugestiva é também a reflexão acerca do derradeiro episódio da novela. Se na verdade os Ramires medievais, pela tortura executada, haviam dado provas de requintes de crueldade (Reis, 1984:273), o facto é que o tio do Fidalgo da Torre apenas esboçara tal episódio<sup>26</sup> (ICR, p.314). Aponta-se, assim, para que esse suplicio seja "fruto da imaginação pessoal de Gonçalo Ramires" (Pageaux, 1990:194) que ele, em jeito de balanço, acaba por pôr em causa. E de facto não cabe desprezar o especial destaque concedido à sua imaginação ao longo do romance: esta é estimulada por supostos feitos "donjuanescos" do Cavaleiro (ICR, p.114-115)<sup>27</sup>; escapa-lhe da novela e esvoaça para os lados da Lisboa do S.Fulgêncio (ICR, p.165); fa-lo perder-se no deleite da antevisão do seu nome espalhado em cartazes (ICR, p.119) e após ter sido aprovada a sua candidatura, esquece até o mundo que o rodeia para soçobrar "num luminoso rolo de imaginações" (ICR, p.157). A especial atenção que dedica a um cesto de pêsegos tem também como responsável principal essa imaginação que o impele a adivinhar nele "docemente escondida, uma cartinha da D.Ana" (ICR, p.244). Dos exemplos aduzidos se pode constatar que a sua exacerbada imaginação<sup>28</sup> terá um saldo negativo: depressa esquecerá os exageros com que enfeitou a história do Cavaleiro, o deleite imaginado da eleição acabará por resultar em amarga desilusão bem como assaz amarga será a verdade acerca de D.Ana (ICR, p.273). Da disparidade entre o real e o que se imagina se antevê a premente necessidade de buscar soluções válidas.

8. Um breve telegrama enviado pelo Cavaleiro constitui, em dado momento do presente da história, motivo de esfusiante alegria para Gonçalo (ICR, p.157); semelhante efeito terão as novas do Castanheiro, pela mesma via<sup>29</sup>, quando asseguram que o romance é verdadeira obra-prima (ICR, p.303). Ambos têm, ainda, em comum o facto de redundarem num insucesso: o bom acolhimento da novela será precária satisfação e o propósito principal para que nascera é também posto em causa. Prova disso temô-la quase no final do romance, finda a eleição: "Deputado! Deputado por Vila-Clara, como o Sanches Lucena. E ante esse resultado, tão miúdo, tão trivial, - todo o seu esforço tão desesperado, tão sem escrúpulos, lhe parecia ainda menos

---

25 - Logo no início ele chegara a sentir os seus avós "...mais vagos que fumos", cf.p.23.

26 - Preferira "...resguardar a lira e desviar para sendas mais doces", cf.p.314.

27 - Tais feitos incutem inclusivamente um inusitado ritmo à sua pena que "sem emperrar, sem rascunhar" o leva "num dessas fluxos de prosa que brotam da paixão", cf.p.112.

28 - Castanheiro, Bento e Gracinha reconhecem a imaginação que possui (conferir respectivamente p.119, 282 e 298).

29 - Registe-se a propósito o facto de Daniel-Henry Pageaux considerar que "O escrito" se torna "motor da intriga...", cf. artigo citado p.191.

imoral que risível. Deputado! Para quê? Para almoçar no Bragança, galgar de tipóia a ladeira de S.Bento e dentro do sujo convento, escrever na carteira do Estado alguma carta do seu alfaiate, bocejar com a inanidade ambiente dos homens e das ideias, e distraidamente acompanhar, em silêncio ou balando, o rebanho do S.Fulgêncio, por ter desertado o rebanho idêntico" (ICR, p.343).

Amargo pessimismo ecoa através da reflexão do Fidalgo, preso na própria armadilha por si criada. Acabando por se converter em mais um elemento da ordem socialmente estabelecida, constata simplesmente que Históricos e Regeneradores não passam de dois rebanhos idênticos<sup>30</sup>. A conclusão a que chega Gonçalo representa o coroar de largo caminho trilhado por aquele que começara por ter esperança que quando os Regeneradores voltassem ao poder "no muro se escancarasse a desejada porta triunfal" (ICR, p.29) e que vira finalmente tal porta ser-lhe aberta por um histórico - André Cavaleiro (ICR, p.179). Transposta essa "fenda" (ICR, p.153) e ultrapassada também a eleição - "única fenda" por onde ele considera lograr "escapar do seu buraco rural" (ICR, p.256) - a glória política metamorfosela-se em glória vã.

A porta que lhe abre o Castanheiro - através da qual julgara entrever acesso fácil à Arte e à Política. - conduz também a empresa debilmente compensatória da "energia intelectual" dispendida. Tal não pode deixar de apontar para a ineficácia de propostas ideológicas que, estando subjacentes a um projecto urdido pelo Castanheiro, tinham como principal objectivo a "ressureição do sentimento português" (ICR, p.13). Que tal solução dá provas de não ser a adequada às solicitações do presente da história demonstra-o bem Gonçalo pois estas acabam por não pactuar com a cómoda via que lhe foi sugerida - mostrar a heroicidade da Pátria abrindo "simplesmente sem sair do seu solar, os arquivos da sua Casa, velha de mais de mil anos..."(ICR, p.15). Afigura-se, pois, pertinente a reflexão levada a cabo por Costa Pimpão que ao considerar *A Ilustre Casa de Ramires* uma "transposição romanesca da opinião de Eça sobre o valor formativo do Tradicionalismo literário" vê no Castanheiro "que queria reatar a tradição e revelar Portugal aos portugueses" um "Alberto de Oliveira com o seu neo-garrettismo e com o seu apelo a um reaportuguesamento da Arte" (Pimpão, 1972:550). O facto da decisão de ressuscitar o passado não se afirmar como prescrição a seguir para a reabilitação do presente pode, aliás, confirmar-se, ao longo da obra. A falibilidade do projecto que resolve abraçar adivinha-se desde logo quando, decidindo rumar em direcção ao romance

---

30 - Diversos textos de Eça anteriores a este testemunham o facto de Históricos e Regeneradores proporem idênticos programas e dão conta do proficuo desenrolar dos trabalhos nas Câmaras, conferir *Uma Campanha Alegre*, op.cit.p.45, 90-92, 120-121, 126-127.

histórico, recebe como prémio de tais esforçados pensamentos um R (ICR, p.11). Posteriormente, à medida que prossegue o seu labor, vinca-se claramente a aguda preocupação do Fidalgo com "a ressurreição arqueológica do viver afonsino" (ICR, p.16) e dos "varões temerosos" (ICR, p.126); o "ressuscitar do velho Portugal" (ICR, p.18, 89) e da "honra de Santa Ireneia" (ICR, p.243) estão também contemplados nos seus planos. O balanço do trabalho põe, porém, a nu que se tratou antes da "sombria ressurreição dos seus avós bárbaros" (ICR, p.326). Se a tudo isto acrescentarmos que o facto da sua obstinação de mergulhar no passado permanecer nele viva se deveu não à preocupação com o país mas tendo em vista um interesse imediato - a eleição - estaremos em condições de concluir que aquela é, em última análise, sinónimo de uma reabilitação em favor de si mesmo. Para esta necessidade de reabilitação aponta, aliás, a decadência de que surge rodeado<sup>31</sup> manifestada através dos "sombrios fundos...que restavam do antigo palácio" (ICR, p.26), da sobrevivência de uma solitária "sala de armas" cheia de "poeirenta ferralhagem negra" (ICR, p.134), da existência dos restos das "pratas famosas dos Ramires" (ICR, p.60) ou do "magnifico colar de brilhantes, derradeira jóia histórica dos Ramires" (ICR, p.157). Assim, os exemplos de sobrevivência do passado que rodeiam Gonçalo apontam decisivamente para a urgência de soluções que passam não pela ressurreição disto ou daquilo mas antes para o despertar de uma realidade que urge corrigir. De facto, que importa não é a manutenção de um "guardião" do passado mas o investimento na construção de válido futuro.

9. "E ia levado, galopando numa alegria tão fumegante, que o lançava em sonho e devanelo. Era como a sensação sublime de galopar pelas alturas, num corcel de lenda, crescido magnificamente, roçando as nuvens lustrosas... E por baixo, nas cidades, os homens reconheciam nele um verdadeiro Ramires, dos antigos na História, dos que derrubavam torres, dos que mudariam a configuração dos reinos, - e erguiam esse maravilhoso murmúrio que é o sulco dos fortes passando!" (ICR, p.289). Por entre o tropel de sensações experimentadas se desenha um marco fundamental da existência do Fidalgo da Torre<sup>32</sup>. Se nos parece exagerado que se encare Gonçalo "resgatado e purificado, à maneira dos cavaleiros da Távola Redonda"<sup>33</sup> (Cirurgião, 1977: 160) julgamos, no entanto, justas

---

31 - A. Campos Matos considera mesmo, referindo-se ao solar que "A sua degenerescência e abastardamento arquitectónico é bem um símbolo da própria decadência de Gonçalo", cf.op.cit.p.337.

32 - Carlos Reis explica, aliás, de forma clara que tal não surgiu do acaso, antes resultou de um processo articulado em três etapas, cf. *Estatuto e Perspectivas do Narrador na Ficção de Eça de Queirós*, op.cit.p.274.

33 - Julgamos ser exagerada tal comparação se tivermos em conta a tão notável quanto difícil missão de que estão incumbidos os cavaleiros da Távola Redonda, mormente Galaaz e Persival.



as considerações que Costa Pimpão tece acerca de Gonçalo: "...a vitória de si mesmo, alcança-la-á, não folheando O Panorama para dele extrair expressões e vocábulos que dêem a cor da época medieval, mas embebendo-se de actualidade, tornando-se, como eles, útil aos concidadãos, pela energia prática, pela acção" (Pimpão, 1972:561). É esta, de facto, importante ilacção a retirar após haver dedicado ao romance uma leitura atenta. De facto, se a recuperação vital de Gonçalo foi estimulada pelo contacto com o passado (Reis, 1984:272) é a necessidade de encarar o presente a que fortemente ecoa nas páginas do romance. O problema é apresentado em várias frentes: Gonçalo, exemplo gritante de incoerência ideológica, é quem reconhece a necessidade de reformas a proclamar (ICR, p.144, 154); a sociedade em que se integra baloiça entre Históricos e Regeneradores - aos quais falta uma configuração ideológica consistente que dê provas de clarividência - e regozija-se com a proliferação de títulos<sup>34</sup>. Eça deixara, no entanto, expressos com notável precisão os princípios pelos quais se deviam pautar os que em suas mãos tinham o destino do povo quando concluíra: "Com efeito, no sentido de legislar, organizar e dirigir um país - viver é ser do seu tempo, estar no seu momento histórico, ajudar a criação social do seu século, sentir a comunhão das ideias novas"<sup>35</sup>. Não se perdeu a actualidade da afirmação: ideias novas são, pois, de extraordinária importância mas terão que estar inevitavelmente associadas à acção. Gonçalo é forma exemplar de o atestar: é apenas graças a uma acção entretecida no presente da história (a luta com o valentão de Nacejas) que se torna legítimo que encare frontalmente a Torre - no fundo um substituto metonímico do passado (Reis, 1984:276). Que da vontade e do forte querer nasce a força que impele o indivíduo a agir reconhece-o Gonçalo quer quando se dá conta que "o Homem só vale pela Vontade - só no exercício da Vontade reside o gozo da vida" (ICR, p.277), quer quando conclui que a única condição necessária ao avanço é "Apenas o claro entendimento das realidades humanas - e depois o forte querer" (ICR, p.344). Parece, pois, estar ainda bem vivo neste romance o apelo à acção que Eça, n'Os Maias, clamava como necessária à reabilitação do país (Lima, 1987:163). Alberto Machado da Rosa acentua, por outro lado, como uma outra personagem do universo d'Os Maias, Afonso, representa "a única voz séria que propõe a acção como cura para os males do seu país" (Rosa, 1979:292) mas que "ironicamente, nunca o vemos trabalhar". Se tais julgamentos são passíveis de traduzir a problemática que afectou sobretudo a segunda metade do século XIX, há indubitavelmente, por detrás deste apelo à acção, aquela que

---

34 - O diálogo de Gonçalo com o Sanches Lucena (p.76-79) e a apresentação que é feita de Maria Mendonça (p.92) confirma isso mesmo. Será Gonçalo o único a desprezar o "oco título" que lhe atiraram, cf.p.336.

35 - Cf. *Uma Campanha Alegre*, op.cit.p.50.

Jacinto do Prado Coelho considera "a grande personagem latente na obra de Eça, sua obsidente preocupação" (Coelho, 1976:171) - Portugal.

10. Acentuámos, no início desta breve reflexão, o facto de Eça estar inevitavelmente ligado um notável poder de criação que persistentemente o conduzia a perseguir a inovação. Apesar do percurso trilhado não pactuar com conclusões definitivas julgamos ter podido confirmar que a versatilidade impera n'*A Ilustre Casa de Ramires*. Tal não significa que ao atractivo manto que recobre a obra não esteja subjacente uma tão pensada quanto elaborada estratégia. De facto, "tudo neste livro é pensado, sobreposto e encaixado como as pedras de um edifício" (Saraiva, 1982:50). As complexas soluções adoptadas provam que assim é: no romance joga-se com procedimentos técnico-narrativos relativamente sofisticados (Reis, 1985:288) que implicam não só uma exploração inusitada do tempo (passado e presente da história) como também do fértil mundo interior da personagem. Esta, surge, além disso revestida de contornos simbólicos que tornam possível vislumbrar em si Portugal. Considerar que "Ramires tem as suas fraquezas, mas Ramires é também Portugal" (Simões, 1980:656) é, no entanto, apontar não só para a instabilidade de um país minado por contradições internas que a política da Regeneração favorecera - e de que ele é exemplo claro - como também para o pessimismo que crescera<sup>36</sup> e persistira durante toda a década de 1890 (Marques, 1981:38)<sup>37</sup>. Que desse pessimismo resultará a procura de novas soluções que possibilitem que no país se insuffle o vigor perdido, eis a via para que aponta Gonçalo ao enveredar por África (ICR, p.89, 102-103, 155). Mas se "o ambiente português que a política envenenara estava prestes a fazer-lhe naufragar miseravelmente o carácter" (Cidade, 1985:71) e a estadia em África resolve os problemas económicos que o afligem, tal solução não pode deixar de ser encarada como precária. Para isso aponta a inércia em que a sociedade onde se integra surge mergulhada, verdadeiro marasmo que a sua novela histórica não mais faz que proclamar. A esta luz pode ser visto o final do romance onde, por intermédio do padre Soeiro, "pedindo a paz de Deus para Gonçalo, para todos os homens, para campos e casais adormecidos, e para a terra formosa de Portugal" (ICR, p.362),

---

36 - É em função desse pessimismo que poderá colocar-se a hipótese de António José Saraiva que considera possível que "A história de Tructesindo" funcione como "o passado em relação à história de Gonçalo" mas também que este possa ser o futuro de Tructesindo. cf. *A Tertúlia Ocidental. Estudos sobre Antero de Quental, Olívetra Martins, Eça de Queiroz e outros*, op.cit.p.156.

37 - António Quadros chama, no entanto, a atenção para o facto de "A filosofia regeneracionista portuguesa" ter recebido um extraordinário estímulo no pós-Ultimatum, "constituindo o suporte doutrinário de resposta ao sexto repto histórico, visando a revitalização de um Portugal-pessoa, de um Portugal-espírito, de um Portugal-essência". cf.op.cit.p.232.

se faz um derradeiro apelo sob forma de oração em favor da terra que urge conservar<sup>38</sup>.

---

38 - Apesar da inércia dos que o habitam, Portugal arvora ainda uma beleza que justificará o esforço da "matéria humana" que habita o torrão pátrio (cf.p.72, 219, 229).

## Bibliografia

- Cidade, Hernâni, *Século XIX. A Revolução Cultural em Portugal e Alguns dos Seus Mestres*, Lisboa, Ed.Presença, 1985.
- Cirurgião, António, "A Estrutura de "A Ilustre Casa de Ramires", in Ocidente, vol.77, n.º337, Lisboa, 1977, pp.137-170.
- Coelho, Jacinto do Prado, "Para a compreensão d'Os Maias como um todo orgânico", in Do contrário de Penélope, Amadora, Bertrand, 1976, pp.167-188.
- Coelho, Jacinto do Prado, *Dicionário de Literatura*, 3ªed., Porto, Figueirinhas, 1984.
- Guerra da Cal, Ernesto, *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, 4ªed., Coimbra, Liv.Almedina, 1981.
- Hamon, Philippe, *Texte et Ideologie*, Paris, P.U.F, 1984.
- Lima, Isabel Pires de, *As máscaras do desengano. Para uma abordagem sociológica de "Os Maias" de Eça de Queiroz*, Lisboa, Caminho, 1987.
- Lopes, Oscar e Saralva, António José, *História da Literatura Portuguesa*, 14ªed., Porto, Porto Editora, 1987
- Marques, A.H. de Oliveira, *História de Portugal*, volume III, 6ªed., Lisboa, Palas Editores, 1981.
- Matos, A.Campos, *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Caminho, 1988.
- Pageaux, Daniel-Henri "A Ilustre Casa de Ramires: da "mise en abyme" à busca do sentido", in Eça e Os Malas, Porto, Edições Asa, 1990, pp.191-196.
- Peres, Damião, *História de Portugal*, Barcelos, Portucalense Editora, 1935.
- Pimentel, F.J., "As Viagens de Garrett e Os Maias de Eça: do romantismo dos autores ao romantismo do leitor", in Eça e Os Malas, Porto, Edições Asa, 1990, pp.209-213.
- Pimpão, Alvaro Júlio da Costa, "Uma interpretação de "A Ilustre Casa de Ramires", in Escritos Diversos, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1972, pp.537-553.
- Pimpão, Alvaro Júlio da Costa, "O Nacionalismo na obra de Eça de Queiroz", in Escritos Diversos, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1972, pp.557-579.
- Piwnik, Marie-Hélène, "Gonçalo Ramires: história de uma degeneração", in Eça e Os Malas, Porto, Edições Asa, 1990, pp.221-226.
- Quadros, António, *Memória das Origens, Saudades do Futuro*. Valores, mitos, arquétipos, Idelas, Lisboa, Publicações Europa-América, 1992.
- Queirós, Eça de, *Uma Campanha Alegre*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d.
- Queirós, Eça de, *A Ilustre Casa de Ramires*, 2ªed., Lisboa, Livros do Brasil, s/d.
- Queirós, Eça de, *Notas Contemporâneas*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d.
- Reis, Carlos, "Teoria Literária de Eça de Queiroz", in Construção da Leitura, Coimbra, I.N.I.C./C.L.P, 1982.
- Reis, Carlos, *Estatuto e Perspectivas do Narrador na Ficção de Eça de Queiroz*, 3ªed., Coimbra, Liv.Almedina, 1984.
- Reis, Carlos, "O espaço rural no romance queiroziano: A Ilustre Casa de Ramires", in Les campagnes portugaises de 1870 à 1930: image et réalité, Paris, F.Calouste Gulbenkian, 1985, pp.283-289.
- Reis, Carlos e Lopes, Ana Cristina, *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Liv.Almedina, 1987.
- Reis, Carlos, *Introdução à leitura d'Os Maias*, 5ªed., Coimbra, Liv.Almedina, 1988.
- Ricoeur, Paul, *Temps et Récit*, Paris, Ed. du Seuil, Tomo II, 1984.
- Rosa, A.Machado da, *Eça, discípulo de Machado?*, 2ªed., Lisboa, Ed.Presença, 1979.
- Saralva, António José, *As ideias de Eça de Queiroz*, 2ªed., Amadora, Livraria Bertrand, 1982.
- Saralva, António José, *A Tertúlia Ocidental. Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e outros*, Lisboa, Gradiva, 1985.
- Silva, Vitor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 8ªed., Coimbra, Liv.Almedina, 1988.
- Simões, João Gaspar, *Vida e Obra de Eça de Queiroz*, 3ªed., Amadora, Livraria Bertrand, 1980.
- Tacca, Oscar, *As vozes do romance*, 2ªed., Coimbra, Liv.Almedina, 1983.
- Teyssier, Paul, "Os Maias cent ans après", in Études de Littérature et de Linguistique, Paris, F. Calouste Gulbenkian, C.Cult.Português, 1990, pp.73-100.